

DO FREI APOLÔNIO DE TODI AO ANTÔNIO CONSELHEIRO: DOIS MESTRES DA ARQUITETURA RELIGIOSA POPULAR NO SERTÃO BAIANO

JADILSON PIMENTEL DOS SANTOS*

RESUMO: Frei Apolônio de Todi fundou várias igrejas no nordeste. Em 1772, o frei capuchinho italiano foi exercer seu ministério apostólico no sertão da Bahia e Sergipe. Com a chegada do Conselheiro, em 1893, a Canudos, o arraial passou logo a ser conhecido com a nova designação de Belo Monte. Canudos transformou-se rapidamente numa das cidades mais populosas da Bahia. Pautado em informações adquiridas em documentos, livros e imagens fotográficas, o presente artigo tem como objetivo analisar o santuário de Monte Santo, e duas espécies de igrejas construídas na segunda metade do século XIX, pelo Conselheiro. Por último, serão interpretadas as soluções adotadas nessas construções religiosas populares, bem como as influências de estilos, uso de materiais, soluções decorativas, dentre outros, a fim de resgatar a memória do patrimônio artístico popular do sertão de Canudos, há muito tempo esquecida.

PALAVRAS-CHAVE: SANTUÁRIO DE MONTE SANTO. ARQUITETURA RELIGIOSA. IGREJAS DE CANUDOS.

RESÚMEN: Frei Apolônio de Todi producio muchas iglesias em el nordeste. Em 1772, el frey italiano foi ejecer su sacerdocio em el sertón. Con la llegada de Conselheiro, em 1893 a Canudos, el arrayal pasó a ser conocido con la nueva designación de Belo Monte. Canudos se transformó rápidamente en una de las ciudades más pobladas de Bahía. Modelada a partir de informaciones adquiridas en libros, documentos e imágenes fotográficas. El presente artículo tiene como objetivo analizar sobre la memoria de la ciudad de Monte Santo e Belo Monte, así como también su primero templo erigido por Conselheiro e que a fines del siglo XIX desaparecieron a causa de la guerra. Por último, serán interpretadas las soluciones adoptadas en esas construcciones religiosas, a fin de rescatar la memoria del patrimonio del sertón de Canudos, que en el correr de los tiempos ha sido olvidado.

PALAVRAS-CHAVE: ARTE POPULAR; ARQUITETURA RELIGIOSA; PATRIMÔNIO CULTURAL.

INTRODUÇÃO

A cultura proveniente do barroco no Brasil, especificamente na Bahia, é uma temática bastante explorada pelos estudiosos do assunto. Já o interior e seus sertões padecem pela falta

* Mestrando em Artes Visuais pela EBA-UFBA, e-mail: jadangelus@bol.com.br

de um estudo mais aprofundado no que concerne à arte, arquitetura religiosa e cultura popular.

A região de Canudos é um exemplo típico desse alheamento. Embora se conheça bastante a região devido ao flagelo da seca e da guerra, em termos de produção artística, muito pouco, ou quase nada se conhece.

Temas como: religiosidade, messianismo, sebastianismo, socialismo, monarquia, república etc., têm sido a tônica desse episódio, ocorrido no interior da Bahia, no final do século XIX. Todavia, a memória do patrimônio artístico material do Sertão de Canudos encontra-se ofuscada em meio aos vários preconceitos e esquecimentos.

Tendo em vista essas abordagens, é a partir desse cenário místico, artístico e adverso, que pretende-se estudar o acervo da arte sacra de Monte Santo fundada pelo frei Apolônio de Todi, bem como de Canudos, construído pelo beato Antonio Vicente Mendes Maciel.

Pouco ou nada se disse acerca dessa arte. No livro *Os Sertões* (1902), escrito por Euclides da Cunha, enviado pelo *Jornal O Estado de São Paulo*, percebe-se um fragmento do capítulo cinco onde é abordado sobre um dos templos da cidade de Canudos. Sua análise e discurso, talvez, pelo fato de ser este, um escritor forjado na esteira do pensamento positivista e determinista, é de incoerências e preconceitos em relação ao templo erguido naqueles confins. Também, horroriza-se com a arquitetura do arraial, uma vez que a chama de “*urbs monstruosa*” e “*civitas sinistra do erro*”.

Portanto, um estudo apurado acerca das igrejas construídas pelo capuchinho Apolônio de Todi e Antônio Vicente Mendes Maciel, contando com estilos e influências, uso de materiais, soluções decorativas, é de vital importância para se configurar como um capítulo novo na memória do patrimônio artístico brasileiro.

APOLONIO DE TODI

Frei Apolônio de Todi fundou várias igrejas no nordeste. Nasceu na cidade italiana de Todi, província da Perúgia em 1747, e aportou na cidade do Salvador em 1779. Em 1782 foi exercer seu ministério apostólico nos sertões da Bahia e Sergipe. Morreu aos 72 anos de idade. Terminaria por alcançar o título de “Apóstolo dos Sertões” e “Anchieta Sertanejo”, epíteto analógico cunhado por Euclides da Cunha.

O calvário de Monte Santo, com Os Passos da Santa Cruz, foi edificado pelo Capuchinho Frei Apolônio de Todi ainda no século XVIII. O capuchinho viera da Itália para operar na região o reavivamento espiritual, pregando as Santas Missões em caráter itinerante, percorrendo várias localidades. No ano de 1875 chegou ao pé da serra do Piquaraçá, onde só

aparecia um vigário a cada quatro ou cinco anos, e teve uma espécie de visão ao despertar-lhe a paisagem reminiscências de Jerusalém.

Conclamou os fiéis a se dedicarem à construção de uma via-sacra acima, com estradas e escadarias de pedra, pontuada de Passos da Cruz em louvor de Nossa Senhora das Dores e de Nosso Senhor. No dia de Todos os Santos, primeiro de novembro, inaugurou-se a edificação. Para culminar, o capuchinho batizou o lugar dando-lhe o nome de Monte Santo. Com o tempo, disseminou-se a idéia de que a via-sacra era milagreira, atraindo os romeiros e marcando o início do povoamento (Foto 01).

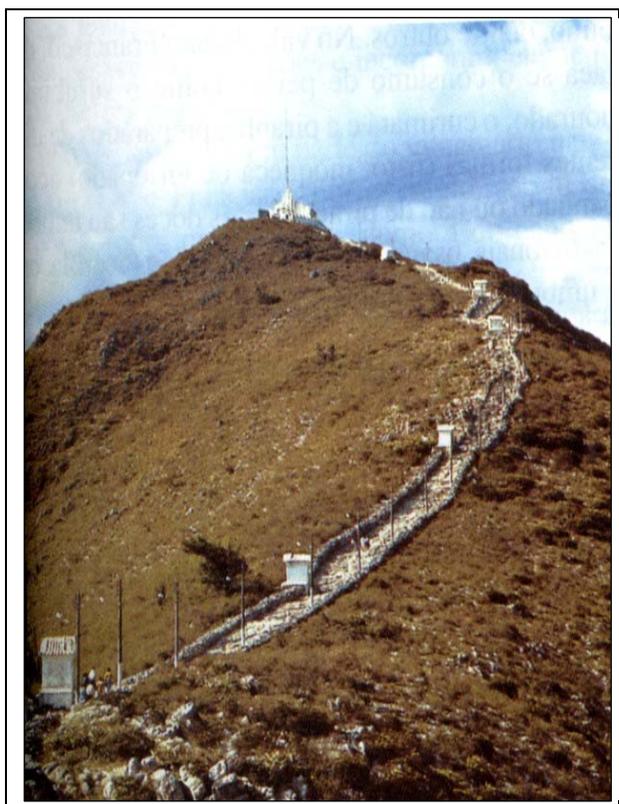


FOTO 01: SERRA DO MONTE SANTO COM CAPELAS E IGREJA

FONTE: JADILSON PIMENTEL DOS SANTOS

A serra tornada monumento nacional de fé e religiosidade pela transfiguração de Apolônio de Todi é um desses desafios da natureza. Sua via sacra possui três quilômetros de comprimento. Ida e volta é uma légua de fé e altura, com contemplação das vinte e uma capelas com os rústicos painéis dos Passos.

Considerado por Cunha (2002) “prodígio da engenharia rude e caprichosa” por ela tem desfilado milhares de penitentes nos sertões nos dias da Quaresma.

No topo do calvário sertanejo, ergue-se a grande Capela da Santa Cruz, com seus ex-votos, promessas e milagres de milhares de aflitos, dos rebentos das estradas do nordeste.

Monte Santo tornou-se um centro de romaria que ocorre no ano todo e especialmente na Semana Santa, mas se concentra em particular no dia de Todos os Santos.

Segundo Galvão (2001) “foi este trabalho de engenharia, arquitetura e piedade que, cerca de cem anos mais tarde, o Conselheiro e suas coortes envidariam esforços para reparar”.

A tradição atribui-lhes o erguimento dos muros de arrimo que suportam o leito do caminho empedrado que acompanha a linha da crista da serra, onde se localizam as capelinhas e o santuário que as arremata no topo da subida. Mais de cem anos, e o lugar continua preservado, além de figurar entre os mais importantes centros de peregrinação e romaria dos sertões. Euclides da Cunha, ele próprio engenheiro e admirador das proezas de sua profissão, dar-lhe-ia o título de “maravilha do sertão”.

ARTE E HISTÓRIA DO ANTÔNIO CONSELHEIRO

Antônio Vicente Mendes Maciel nasceu em Quixeramobim, no Ceará em 1830. Segundo Ornellas (2001), “este tinha o hábito de construir casas, e este hábito esteve presente na vida do Conselheiro, quando tentou reconstruir a imagem do pai para poder reconciliar-se com ela através das construções”.

Por seu repúdio à violência, amor à terra e ao trabalho, religiosidade e solidariedade aos mais fracos, Antônio, atraiu uma vasta população. Segundo Barros (1988), sendo um autodidata, limitado politicamente pelas fronteiras de seu mundo, este carregava perplexo a dor das injustiças de sua vida, o genocídio de um povo que, em suas esperanças, apenas tentava viver a palavra de Deus na terra: rezar, trabalhar e fazer o bem.

Antônio Conselheiro era fascinado pela construção ou reparo de igrejas e cemitérios. Sendo o pai mestre de obras, Antônio possuía, também, noções de construção.

No começo de suas peregrinações pelas terras do sertão, tinha uma promessa de construir longe das terras do Ceará, vinte e cinco igrejas. Muitas dessas igrejas ainda se encontram intactas como as dos municípios de Crisópolis e Chorochó.

Possivelmente foi influenciado pelo padre Ibiapina, lendário missionário que construiu templos e casas de caridades em vários Estados nordestinos. Antes de se fixar em Canudos, sua vida era feita de constantes andanças pelo sertão. Sempre seguindo pelas estradas, e sempre se oferecendo para construir e reformar igrejas, cemitérios e açudes em muitos lugares esquecidos e abandonados por onde passava. Entre os fiéis não faltavam voluntários para ajudá-lo nesse mister.

No que concerne às suas construções, seu universo circunscrevia-se a lugares longínquos do interior do nordeste, basicamente o sertão da Bahia, com algumas incursões a Sergipe.

Dentre as localidades nas quais Conselheiro edificou e reformou igrejas podemos destacar: Aporá, Biritinga, Canudos, Chorrochó, Crisópolis, Esplanada, Itapicuru, Nova Soure, Olindina e Rainha dos Anjos na Bahia, e Tobias Barreto e Simão Dias em Sergipe.

De acordo com Hoornaert (1998), o beato Antônio Conselheiro andava com a edificação de igrejas em seu pensamento, sendo que nelas enxergava possibilidades muito mais amplas que a imensidão dos sertões que percorria. Embora tivesse o dom especial de reunir pessoas e construir açudes, muros de cemitérios, canais de irrigação e cacimbas, o que gostava mesmo era de construir igrejas.

Em algumas de suas prédicas, editada por Nogueira (1978), Conselheiro fala com entusiasmo sobre a construção e edificação do templo de Salomão: “70.000 operários carregadores de material e 80.000 a cortar pedra nos montes e 3.600 feitores a inspecionar as obras, e 2.000 israelitas a andar pelo Líbano, cortando cedro e faias”.

Como se pode notar, este era o sonho que alimentava e enchia de esperança a todos: trabalhar com muita gente na construção da igreja.

Hoorneart (1998, p.16) comenta que:

A igreja é um reflexo terrestre do mundo divino. Torna esse conturbado mundo inteligível e até certo ponto aceitável, pois é lugar de real presença divina, o centro do mundo, onde tudo nasce. Suas pedras são cristalizadas de atividades celestes, sua torre eleva-se até a habitação de Deus. Antônio Vicente sonha com imensos espaços sagrados, imagina-se marchando em direção ao indizível através de uma geometria traçada por suas próprias mãos. O templo de Salomão é modelo de um mundo geométrico que o Beato atravessa em seus sonhos. A tosca igreja de pedra é a “cidade de Deus” da qual os cristãos são as pedras. É o horizonte de sua própria compreensão do mundo. A igreja define o mundo.

Nesse sentido, as imprecisões moralizantes de Antônio Vicente devem ser corretamente entendidas em relação ao fascínio religioso diante do qual todo o resto é apenas vaidade. Efetivamente, depois de anos de indecisão, a vida de Antônio Vicente, a partir de 1874, toma um rumo seguro através da construção de igrejas.

A Igreja Nova foi erguida, em Canudos, pouco tempo depois de Antônio Conselheiro ter se instalado, sob a direção do mestre de obras de nome Manoel Faustino.

De acordo com Calasans (2000) este último era mestre de obras e entalhador de altares, e, gostava, também, de esculpir rosas douradas nos retábulos que era a admiração do povo. Segundo ele, o grande artista messiânico, o Miguel Ângelo do Conselheiro, era um

indivíduo de sessenta anos que se acostumou ao seu mister e fazia desse ofício o seu próprio consolo.

IGREJA DO BOM JESUS EM CRISÓPOLIS



FOTO 02: IGREJA DO BOM JESUS EM CRISÓPOLIS

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cris%C3%B3polis>

A cidade que hoje leva o nome de Crisópolis, fundada pelo Conselheiro, com o nome de Bom Jesus, para ali acomodar alguns dos seus seguidores, tem na sua praça central, uma igreja de sua lavra. Do séqüito do Conselheiro fazia parte um outro mestre de obra, cujo nome era Munuel Feitosa. A igreja de Crisópolis obedece a um desenho de Manoel Faustino, sendo dele também a talha do altar. Numa de suas paredes internas, vê-se um medalhão com a inscrição “Só Deus é Grande”, o dístico favorito do Antônio Conselheiro.

O frontispício dessa construção apresenta uma única portada encimada por três janelas. No alto, três torres triangulares apontadas para o céu lembram o estilo gótico. Sua portada e janelas apresentam o arco ogiva, típico desse estilo. Também possui em sua frente um cruzeiro encimado em uma base decorada e murada.

IGREJAS DE BELO MONTE (CANUDOS)

Na Canudos velha, ou Belo Monte, existiam duas igrejas erguidas pelo Conselheiro e seu povo. Localizada no centro de Belo Monte, essas igrejas marcavam o espaço da cidade

mais sagrado. Ao cair da tarde todos se dirigiam para esses santuários para professar seus credos, e dirigir suas preces aos céus.

As duas igrejas, nesse cenário, estavam situadas uma de frente para a outra. Tal resultado, segundo Toledo (1999) chega a ser emocionante. Para ele, a praça de Belo Monte é a Teotihuacan sertaneja. O paralelo com as ruínas do México é justificado pela disposição geométrica em que as duas igrejas se encontravam, pela amplidão da praça entre elas, longa, de 100 metros, contados entre uma fachada e outra, e pelo teor sagrado que um dia revestiu o local.

Dessas igrejas abordadas, existem apenas ruínas submersas no açude Cocorobó, concluído no final dos anos 60, e, que por sinal, inundou uma área extensa, cobrindo toda Canudos. A análise desses templos será feita, contudo, através de algumas imagens feitas pelo fotógrafo Flávio de Barros enviado em 1897 a Canudos, e que viveu o privilégio de documentar com uma câmera fotográfica, o episódio da guerra, e pela escrita de Euclides da Cunha em seu célebre livro Os Sertões.

Foi, também, nas igrejas, que concentrou-se a resistência conselheirista, em particular nos últimos dias de combate, quando, enfim, despencou o campanário da igreja velha. Extinto o último foco de resistência do arraial, as igrejas apresentavam-se furadas de balas, de tiros de canhão e com raras paredes em pé.

IGREJA DE SANTO ANTÔNIO, A NOVA

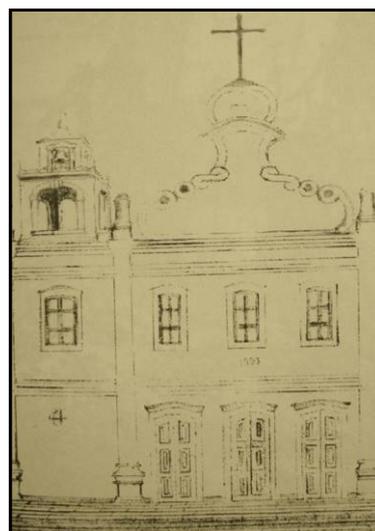
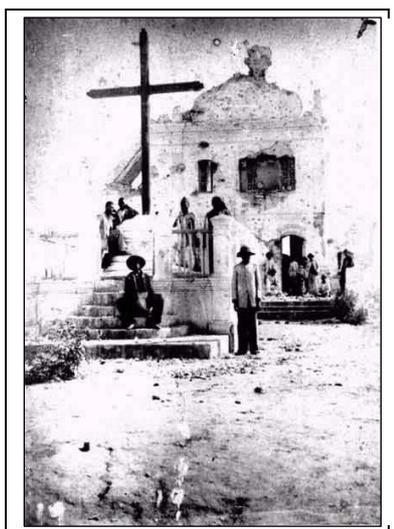


FOTO 03 E DESENHO DA FACHADA DA IGREJA DE SANTO ANTONIO DE BELO MONTE.
DENTE: ARQUIVO HISTÓRICO DA REPÚBLICA- RJ.

A respeito da Igreja de Santo Antônio, há, contudo, controvérsias acerca do ano de seu término. Sendo a primeira erigida naquele cenário, esse santuário foi edificado no lugar onde existia uma pequena igreja quase em ruínas, erguida por gente da Torre de Garcia D'Ávila.

Segundo Fontes (2007), os freis Evangelista Do Monte Marciano e o padre Vicente Sabino, testemunharam o trabalho de conselheiristas na construção do templo do Bom Jesus, na praça das igrejas. Sendo assim, Canudos possuía, em 1896, quando foi deflagrada a guerra, um santuário e as Igrejas de Santo Antônio e do Bom Jesus, esta, não concluída.. O templo cujo oráculo era Santo Antônio, fora concluída nos primeiros meses de 1993, idealizada pelo Conselheiro e sagrado pelo padre do Cumbe, Vicente Sabino dos Santos.

Já Pinheiro (2007) assevera que através da análise minuciosa da fotografia de Flávio de Barros, e devido a ampliação da referida fotografia, pode-se constatar através da inscrição que localizava-se na fachada, que o ano ali registrado, tratava-se de 1896. Sendo este o ano, resulta que a Igreja de Santo Antônio não estava pronta em 1893, como afirmam diversos estudiosos.

Apresentando uma fachada com três portadas, esse templo, lembra a estrutura simples de outra igreja do sertão: Igreja do Bom Jesus de Crisópolis edificada anteriormente.

Nela percebe-se uma estrutura frágil e delicada. Sua planta compacta apresentava-se direcionada para um pedestal encimado por uma cruz. Nesse pedestal lia-se a seguinte inscrição: “A.M.M.C.”, que significava, Antônio Mendes Maciel Conselheiro.

O uso recorrente do cruzeiro na frente da igreja, muito comum no interior, era comum nos templos da ordem franciscana.

Segundo Bazin (1983, p.151), “o culto franciscano pela paixão levou-os a colocar, diante do frontispício, uma grande cruz que servia às procissões da via-sacra, especialmente durante a Semana Santa”, segundo esse autor o tema da cruz, possibilitava todo um desenvolvimento arquitetônico.

A fachada desse templo apresenta decoração em volutas graciosas que nos remete ao décor Barroco/Rococó. No eixo do frontispício, ergue se sobre o topo da construção uma cruz de madeira.

No lado esquerdo, elevava-se uma compacta e graciosa torre-campanário, donde soavam as melodias do sino atraindo os fiéis para os momentos das preces. Contrapondo o pensamento e visão equivocada de Cunha (2002, p.) que afirmava que a edificação de Santo Antônio era frágil, pequena, de aspecto modestíssimo, podemos constatar que tais idéias não se confirmam. Pelo contrário, erguida e talhada naqueles confins do sertão, levando em

consideração as adversidades, pode-se concluir que esse templo configura-se como um milagre da arquitetura dos sertanejos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar as igrejas do frei Apolônio de Todi e do Conselheiro suscitou alguns pontos que ainda não tinham sido notados pelos historiadores da arte. A partir do momento em que se estudou essas construções, pode-se abarcar mais deduções a respeito do patrimônio histórico e artístico do sertão por onde Conselheiro andou, e edificou obras.

Resgatar o patrimônio do sertão de Canudos é vital para a história do nosso país, pois aquele lugar não era um refúgio de fanáticos, malfeitores e preguiçosos, imagem que muitos tentaram difundir. Pelo contrário, ali progredia uma cidade tranqüila, de habitantes que se dedicavam a todo tipo de ofício, inclusive o artesanato. Ali era o lugar e o refúgio de muitos camponeses que eram expulsos de suas terras e perseguidos. Belo Monte acreditava numa reino ideal, numa existência feliz e próspera.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Luitgarde O. C. *A terra da Mãe de Deus - Um estudo do Movimento Religioso de Juazeiro do Norte*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves. Ed. MINCINL, 1988.
- BAZIN, Germain. *A arquitetura religiosa Barroca no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 1983. 2.v.
- CALASANS, José. *O Estado-Maior de Antônio Conselheiro*. São Paulo: Edições GRD, 2000.
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Editora Mrtin Claret, 2002.
- FONTES, Oleone Coelho. *O treme-terra: Moreira César, a República e Canudos*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. *O Império de Belo Monte: Vida e Morte de Canudos*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.
- HOORNAERT, Eduardo. *Os Anjos de Canudos*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- ORNELLAS, Maria de Lourdes Soares. *Imagem do outro (e) ou imagem de si?* Salvador: Portfolium, 2001.
- PINHEIRO, José Carlos da Costa. *Ano de 1896, término das obras da capela de Santo Antônio de Belo Monte?* Salvador: Portfolium, 2007.
- TOLEDO, Roberto Pompeu de. Canudos de volta. *Veja*, São Paulo, n. 6, p. 96-97, set. 1997.